



Caderno de Provas

CAM 02/10/63/82 – NS

PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA / PROFESSOR II – MATRIZ I –
PORTUGUÊS / PROFESSOR ENSINO FUNDAMENTAL II – PORTUGUÊS

Edital Nº. 001/2024 –
Prefeituras dos Municípios da AMCEVALLE/RN

Data: ____/____/____

INSTRUÇÕES GERAIS PARA A REALIZAÇÃO DA PROVA

- Use apenas caneta esferográfica transparente de tinta azul ou preta.
- Escreva a data, a sua assinatura e o seu número de inscrição no espaço indicado nesta capa.
- A prova terá duração máxima de 3 (três) horas, incluindo o tempo para responder a todas as questões do **Caderno de Provas** e preencher a **Folha de Respostas**.
- Antes de retirar-se definitivamente da sala de provas, entregue a **Folha de Respostas** e o **Caderno de Provas** ao fiscal.
- Em momento algum a pessoa candidata poderá se retirar definitivamente da sala de provas com o **Caderno de Provas**.
- Este **Caderno de Provas** contém, respectivamente, 5 (cinco) questões de Didática e 25 (vinte e cinco) questões de Língua Portuguesa .
- Se o **Caderno de Provas** contiver alguma imperfeição gráfica que impeça a leitura, comunique isso imediatamente ao Fiscal, para que seja efetuada de imediato a troca do Caderno.
- Cada questão de múltipla escolha apresenta apenas **uma** resposta correta. Para a marcação da alternativa escolhida na **Folha de Respostas**, pinte completamente o campo correspondente conforme a figura a seguir:

	A	B	C	D
1	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
4	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
⋮				

- Os rascunhos e as marcações feitas neste **Caderno de Provas** não serão considerados para efeito de avaliação.
- Interpretar as questões faz parte da avaliação; portanto, não é permitido solicitar esclarecimentos aos Fiscais.
- O preenchimento da **Folha de Respostas** é de sua inteira responsabilidade.
- A quantidade de questões objetivas e respectivas pontuações desta prova estão apresentadas a seguir:

<i>Disciplina</i>	<i>Número de questões</i>	<i>Pontos</i>
Didática	05 questões	20 pontos
Língua Portuguesa	25 questões	80 pontos
TOTAL DA PROVA	30 questões	100 pontos

ASSINATURA DO CANDIDATO:

NÚMERO DE INSCRIÇÃO:

QUESTÕES DE MÚLTIPLA ESCOLHA – DIDÁTICA

01. Dentro da Pedagogia, a Didática ocupa lugar de destaque. Compete a ela investigar os fundamentos, as condições e os modos de realização da instrução e do ensino. Em nível prático, cabe à Didática, numa perspectiva crítica
- A) promover o ideal pedagógico de Comenius, que se guia pelo preceito "Ensinar tudo a todos pela experiência".
 - B) orientar, exclusivamente, a elaboração dos planos de ensino na perspectiva da tendência pedagógica de Carl Rogers.
 - C) converter objetivos sociopolíticos e pedagógicos em objetivos de ensino bem como selecionar conteúdos e métodos em função desses objetivos.
 - D) deter-se, na elaboração de técnicas, que favoreçam a aprendizagem dos conteúdos dispostos nos livros didáticos.
02. Conhecedor dos objetivos que pretende alcançar com seus alunos, o professor organiza, de forma sistemática, uma série de atividades, todas elas direcionadas ao atingimento da aprendizagem dos conteúdos, criteriosamente selecionados. Essa *série de atividades*, devidamente, organizada é denominada de
- A) plano de ensino.
 - B) sequência didática.
 - C) sequência de habilidades.
 - D) invariáveis metodológicas.
03. A diversidade presente nos espaços escolares demanda a elaboração de uma Didática a serviço da inclusão. Sendo assim, é correto afirmar:
- A) A escola, como um espaço onde se encontram as diferenças, precisa ser um lugar de acolhimento e de transformação social, no qual as práticas pedagógicas exercem um papel fundamental.
 - B) O princípio da inclusão educacional requer compromisso com o desenvolvimento de uma didática tradicional, padronizada de acordo com as deficiências que constam na legislação.
 - C) É preciso, para se trabalhar com a diversidade na escola, apenas técnicas, pois a Didática é uma ciência única.
 - D) A Didática da inclusão só se efetiva quando inserida no serviço da inclusão de estudantes com deficiência em escolas específicas e especiais; só assim, promove uma educação emancipadora.
04. Quando pensamos em competência, visualizamos cidadãos dotados da capacidade mobilizadora de conhecimentos, não só de habilidades favorecedoras da resolução de problemas complexos da vida cotidiana como também do mundo do trabalho. No Brasil, o currículo da Educação Básica é normatizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nela se encontra definido dois grupos de competências específicas relacionadas a formação no Ensino Fundamental:
- A) as Competências Específicas da Linguagem Geral e as Competências do Dialeto.
 - B) as Competências da Área da Educação Infantil e as Competências da Etapa do Ensino Fundamental.
 - C) as Competências Específicas de Área de Conhecimento e as Competências Específicas do Componente Curricular.
 - D) as Competências Específicas das Temáticas do Conhecimento e as Competências específicas do Mundo do Trabalho.

- 05.** A Didática como ciência da Educação, por meio de seus fundamentos teóricos-metodológicos, implica a adoção de práticas pedagógicas. Tais práticas podem possibilitar mudanças contextuais, significativas e favoráveis à edificação de uma sociedade democrática, justa, ética e comprometida em garantir a inclusão e a sustentabilidade. Dessa forma, a Didática, na perspectiva multirreferencial, é uma alternativa na formação docente que
- A) reitera todos os aportes teóricos-metodológicos da pedagogia liberal, favorecendo práticas de liberdade, empreendedoras e competitivas.
 - B) ratifica o tratamento tradicional dado ao conhecimento, pois ele é o fundamento básico de uma formação cultural consistente.
 - C) traz as referências eruditas como as grandes responsáveis pela educação e guia a prática pedagógica do professor, pois a contra-hegemonia crítico-reprodutivista prima pela equitativa distribuição dos bens culturais.
 - D) desloca o professor de uma abordagem do conhecimento na perspectiva tradicional e o impulsiona a trabalhar, considerando as dimensões social, política, cultural, antropológica, estética, psíquica, entre outras.

QUESTÕES DE MÚLTIPLA ESCOLHA – LÍNGUA PORTUGUESA

As questões de 06 a 17 referem-se ao texto 1

Texto 1

Suspeita e cuidado nos usos humanos das Inteligências Artificiais Generativas

Lucia Santaella

Daqui a poucas décadas celebraremos um século desde que o computador emergiu como um novo personagem nas sociedades humanas. No início, suas performances estavam reduzidas ao saber dos especialistas, analistas de sistemas e informáticos, e seus resultados se faziam sentir em zonas de atuação empresariais e governamentais que não eram apreensíveis à sociedade como um todo. Um salto paradigmático se deu quando o computador se tornou um artefato pessoal para, logo depois, se abrir como uma mídia comunicacional de dimensões planetárias. Estávamos na entrada dos anos 1990, uma era a que se dava o nome de cultura mediada por computador. Mais um salto e chegamos à explosão das redes sociais na entrada do novo milênio, cujas promessas iniciais foram pouco a pouco se degradando até, de uns anos para cá, por razões que as bolhas algorítmicas parcialmente explicam, converterem-se em um lodaçal de trivialidades, exibicionismos e, pior do que isso, desinformação, paixões tristes e antagonismos.

Ao se transformar em mídia comunicacional, o computador dava sinais indisfarçáveis de que é de um artefato inteligente, que, evidentemente, carrega todas as ambivalências que são próprias da inteligência quando colocada em ação em sociedades crivadas de contradições. Basta se interessar pelo que se passa dentro e fora do computador para que essa evidência salte à vista. Aliás, uma evidência que o advento bem-sucedido da inteligência artificial (IA) nas duas últimas décadas veio certificar e que a recente emergência da IA generativa (IAG), na sua capacidade linguística e dialogante, agora torna indiscutível.

Julgo esse brevíssimo panorama retrospectivo relevante para evitar o presentismo e imediatismo, que têm imperado em relação ao advento da IAG, especialmente do ChatGPT, que tanto alarido vem provocando, como se os fenômenos não carregassem a sua própria história. A IAG apresenta traços de funcionamento diferenciadores dos algoritmos da IA preditiva já exitosa no mundo empresarial, com repercussões em vários campos e atividades humanas, da medicina e educação aos sistemas bancários etc., atuando hoje, inclusive, em tudo que fazemos, graças a este pequeno mimo, o *smartphone*, que carregamos e que oculta o que faz conosco. Somos hoje monitorados por algoritmos os quais, sem que saibamos ou que prestemos a devida atenção, estão no controle de nossas vidas até o ponto de presentirem nossos desejos, antes mesmo que tenhamos clareza sobre eles.

Nesse cenário, a emergência do ChatGPT está provocando tanto fervor porque, em muito pouco tempo, a IA aprendeu não só a soltar imagens, mas também a falar, conversar, em preocupantes competições com aquilo que faz do animal humano ele ser humano. Enquanto a linguagem humana vem de circuitos cerebrais que habitam um corpo metabolizado por hormônios e afligido por pulsões, uma linguagem que vem da carne, que respira, pulsa e palpita, o corpo estranho desse novo robô é feito de outras materialidades extrativistas de metais raros que abrigam invisíveis operações lógicas abstratas e ocultam o enorme dispêndio de energia de que dependem. Como é possível que um corpo e cérebro tão diametralmente distintos do humano possam ser capazes de imitar as habilidades semióticas humanas com tanta aparente perfeição?

O segredo encontra-se em uma façanha da engenharia chamada de Transformer, uma nova espécie de rede neural profunda responsável pelos feitos e fatos dos grandes modelos de linguagem de que o ChatGPT é um dos mais afamados resultados. Trata-se de algoritmos que aprendem a realizar associações estatísticas entre bilhões de palavras e frases para executar tarefas como gerar resumos, traduzir, responder perguntas, classificar textos etc. Quanto mais dados, maior a performance das redes neurais para essas tarefas até alcançar as aquisições atuais que tanto nos impressionam.

A IAG apresenta dois grandes ramos: a IA que gera imagens e a IA que gera textos. As IAG de imagens vêm despertando discussões no campo da arte, do design e da arquitetura, mas nada que possa ser comparado ao estado febril que o ChatGPT tem provocado em pouco espaço de tempo. Por que será? A hipótese é que, enquanto a geração de imagens afeta o nicho dos produtores e usuários no campo da visualidade, o ChatGPT afeta todos os seres humanos falantes e letrados, levando nisso quase todas as profissões e todas as formações educacionais em todas as áreas em que a linguagem verbal em maior ou menor medida está envolvida. Por ter alcançado o estatuto de grande mascote da IAG, é ao ChatGPT que algumas ponderações se seguirão.

Aqueles que fizeram experiências de conversação com esse novo robô devem concordar, em primeiro lugar, que é de relevância fundamental o fator humano na performance a dois que se instaura. Conversações implicam pelo menos dois participantes. Em segundo lugar, há momentos de interação em que as respostas obtidas chegam a nos inebriar pela sofisticação e pela exibição de um tipo estranho de humanidade. Aí mora o perigo, que exige moderação e prudência diante de um sistema que não cria por si, mas só imita.

As principais armadilhas que o Chat oculta de nós provêm da negligência em explorá-las por meio do exercício a que dou o nome de “arte da suspeita”. Não nos deixemos enganar. Essa mascote da IA é um grande simulador cujo mérito é apresentar enunciados sintaticamente coesos e coerentes. Contudo, sem qualquer compreensão sobre o sentido do que escreve. De fato, não tem. Lembremos, no entanto, os escritos dos pós-estruturalistas franceses, em especial Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Jacques Lacan e, antes deles, Wittgenstein, que revelam um consenso quanto ao fato de que, já no caso dos humanos, o significado não é um dado que salta imediatamente de nossas cabeças, mas escorrega continuamente pelos circuitos dos jogos da linguagem e de seus contextos internos e externos. Além disso, o pragmaticismo de C. S. Peirce nos lembra que a linguagem vale pelos efeitos sensíveis que ela provoca no curto, médio ou longo caminho do tempo.

Que o Chat não entende o que escreve é um fato. Isso lhe valeu o qualificador de “papagaio estocástico”, qualificador, aliás, que é utilizado triunfantemente por aqueles que não foram além do conhecimento de sua superfície, transformando-se eles próprios em papagaios que nem sequer são estocásticos. Deveria ser um truismo afirmar que, para o humano, entender o sentido do que diz e, mais do que isso, responsabilizar-se por isso, é condição ética, e mesmo moral, imprescindível cuja falta, em maior ou menor medida, prejudica, contamina e envenena a vida social. Aprendemos com Hannah Arendt que a banalidade do mal é, de fato, banal. Em razão disso, é sempre bom ter em mente que as conversações com o Chat são feitas a dois e que é substantivo o papel nelas desempenhado pelo humano propriamente dito.

A fragilidade mais contundente do Chat, que, aliás, afeta todos os programas de IA, é a falta de senso comum, ou seja, estar aprisionado em um reino estritamente feito de linguagem, diferente do humano cujo senso comum resulta de nossa existência em contextos, não apenas textuais (esses o algoritmo sabe explorar), mas também extratextuais e vivenciais que cumprem um grande papel no modo como interpretamos e damos sentido às palavras e aos contextos em que existimos. Devido à sua cegueira ao contexto externo e, mais ainda, por não estar munido de filtros éticos próprios, devido à sua incapacidade de compreender o que diz, assim como outros programas de IA ou *chatbots* menores, o ChatGPT pode passar para a frente discursos de ódio e gerar estereótipos racistas e sexistas.

Dificuldades éticas ocorrem especialmente quando confiamos aos algoritmos autônomos ou semiautônomos uma tarefa que tem consequências para a existência de seres humanos. O algoritmo em si não tem a liberdade de ser moral ou imoral, uma vez que é apenas uma sucessão de estados inequívocos. Entretanto, não só as pessoas que projetam os sistemas, mas também aquelas que recebem seus resultados, consciente ou inconscientemente, devem obedecer a um certo número de padrões morais. Portanto, espere-se, ou melhor, é mandatório, de um lado, que esses padrões sejam injetados nos sistemas, de outro, que os usuários sejam capazes de antecipar consequências éticas que podem advir quando, por ingenuidade não deliberada ou por desonestidade deliberada, passam à frente resultados falsos de suas consultas ao ChatGPT. Além da arte da suspeita entraria aqui também a arte do cuidado.

Há toneladas de questões envolvendo o impacto social e as questões éticas e filosóficas da IA que, incluindo as diferentes vozes dos cientistas sociais, dos artistas e das pessoas ligadas às humanidades, precisam passar pelos filtros dos regulamentos. Para isso, ponderações bem fundamentadas são necessárias.

Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/>>. Acesso em: 20 de dez. 2023. [Texto adaptado]

06. O texto, na sua totalidade, objetiva

- A) explicar o papel do ChatGPT no processo de interação entre os seres humanos.
- B) alertar sobre a necessidade de cautela no uso da Inteligência Artificial Generativa.
- C) fazer uma retrospectiva do papel do computador no desenvolvimento das sociedades.
- D) demonstrar as fragilidades do ChatGPT na atividade de produção da linguagem verbal.

07. Sobre os dois primeiros parágrafos do texto, é correto afirmar:

- A) contextualizam a discussão e apresentam um ponto de vista, a ser refutado pela autora, sobre o uso da Inteligência Artificial Generativa.
- B) descrevem o computador como uma mídia comunicacional, o que vai ser objeto de discordância da autora ao longo do texto.
- C) criam uma situação inicial cuja complicação se dá a partir do terceiro parágrafo e se desenvolve ao longo dos parágrafos subsequentes.
- D) fazem um resgate histórico que servirá, segundo a autora, para evitar visões imediatistas acerca da Inteligência Artificial Generativa.

08. De acordo com o texto,

- A) o ChatGPT tem causado euforia porque produz a linguagem verbal, algo inerente à espécie humana.
- B) as produções verbais do ChatGPT são coesas e correntes e, por isso, compreensíveis pela máquina.
- C) a falta de senso comum é a única fragilidade do ChatGPT na produção da linguagem verbal.
- D) o componente ético é o que aproxima a linguagem do ChatGPT da linguagem humana.

09. No oitavo parágrafo, além da voz da autora, são trazidas outras vozes com o propósito de

- A) apresentar divergências entre os pensamentos expressos por essas vozes.
- B) confrontar pontos sensíveis dos pensamentos expressos por essas vozes.
- C) ratificar a ideia de que a compreensão do sentido do que se diz é marca da linguagem humana.
- D) refutar a ideia de que a compreensão do sentido do que se diz é marca da linguagem humana.

10. O uso das aspas, no nono parágrafo, demarca

- A) o recurso da ironia empregado pela autora do texto.
- B) uma expressão que não foi criada pela autora do texto.
- C) o uso de uma expressão dissonante do padrão escrito.
- D) uma total discordância do sentido da expressão sinalizada.

11. Sobre o uso da palavra “aliás”, no segundo parágrafo, é correto afirmar:

- A) trata-se de um operador argumentativo que retifica um argumento já explicitado a favor da ideia de ser o computador um artefato inteligente.
- B) trata-se, tão somente, de um advérbio sem valor argumentativo em relação à ideia apresentada no parágrafo.
- C) trata-se, tão somente, de uma conjunção sem valor argumentativo em relação à ideia apresentada no parágrafo.
- D) trata-se de um operador argumentativo que adiciona um argumento a outro já explicitado a favor da ideia de ser o computador um artefato inteligente.

12. No primeiro parágrafo, há traços

- A) tão somente da sequência descritiva, evidenciados pelo uso do pretérito perfeito do indicativo.
- B) tão somente da sequência narrativa, evidenciados pelo uso do pretérito imperfeito do indicativo.
- C) da sequência narrativa, evidenciados pelo uso do pretérito perfeito do indicativo, e da sequência descritiva, evidenciados pelo uso do pretérito imperfeito do indicativo.
- D) da sequência narrativa, evidenciados pelo uso do pretérito imperfeito do indicativo, e da sequência descritiva, evidenciados pelo uso do pretérito perfeito do indicativo.

13. Considere o período reproduzido a seguir.

No início, suas performances estavam reduzidas ao saber dos especialistas, analistas de sistemas e informáticos, e seus resultados se faziam sentir em zonas de atuação empresariais e governamentais que não eram apreensíveis à sociedade como um todo.

Sobre a pontuação desse período, é correto afirmar:

- A) o emprego da terceira vírgula justifica-se porque conjunção “e” conecta orações com sujeitos diferentes.
- B) o emprego da terceira vírgula justifica-se porque a conjunção “e” conecta orações e tem valor adversativo.
- C) o uso de uma vírgula antes da palavra “que” é facultativo, pois esse uso não alteraria o sentido da informação.
- D) o uso da vírgula após a expressão “no início” é obrigatório, pois sua retirada altera o sentido da informação.

14. Leia o trecho a seguir.

Que o Chat não entende o que escreve é um fato. Isso lhe valeu o qualificador de “papagaio estocástico” [...]

Sobre o uso do pronome oblíquo, nesse trecho, é correto afirmar que esse pronome exerce a função de

- A) objeto direto de um verbo regular e funciona como mecanismo de coesão anafórico.
- B) objeto direto de um verbo irregular e funciona como mecanismo de coesão catafórico.
- C) objeto indireto de um verbo irregular e funciona como mecanismo de coesão anafórico.
- D) objeto indireto de um verbo regular e funciona como mecanismo de coesão catafórico.

As questões 15 e 16 referem-se ao período reproduzido a seguir.

A fragilidade mais contundente do Chat, que, aliás, afeta todos os programas de IA, é a falta de senso comum, ou seja, estar aprisionado em um reino estritamente feito de linguagem, diferente do humano cujo senso comum resulta de nossa existência em contextos, não apenas textuais (esses o algoritmo sabe explorar), mas também extratextuais e vivenciais que cumprem um grande papel no modo como interpretamos e damos sentido às palavras e aos contextos em que existimos.

15. É correto afirmar que, nesse período, há

- A) um pronome relativo, com função sintática de adjunto adnominal, e duas conjunções integrantes, que não exercem função sintática.
- B) dois pronomes relativos, o primeiro exerce função sintática de sujeito; o segundo, de adjunto adverbial, e o terceiro é conjunção integrante, que não exerce função sintática.
- C) três pronomes relativos: o primeiro e o terceiro exercem função sintática de objeto direto, e o segundo, de adjunto adverbial.
- D) três pronomes relativos: o primeiro e o terceiro exercem função sintática de sujeito, e o segundo, de adjunto adnominal.

16. O uso da expressão “não apenas” estabelece paralelismo

- A) sintático com a expressão “mas também”, e o conjunto expressa relação aditiva.
- B) semântico com a expressão “mas também”, e o conjunto expressa relação aditiva.
- C) sintático com a expressão “mas também”, e o conjunto expressa relação adversativa.
- D) semântico com a expressão “mas também”, e o conjunto expressa relação adversativa.

17. Há marca linguística da relação de proporcionalidade em:

- A) “Além disso, o pragmaticismo de C. S. Peirce nos lembra que a linguagem vale pelos efeitos sensíveis que ela provoca no curto, médio ou longo caminho do tempo”.
- B) “Dificuldades éticas ocorrem especialmente quando confiamos aos algoritmos autônomos ou semiautônomos uma tarefa que tem consequências para a existência de seres humanos”.
- C) “Quanto mais dados, maior a performance das redes neurais para essas tarefas até alcançar as aquisições atuais que tanto nos impressionam”.
- D) “O algoritmo em si não tem a liberdade de ser moral ou imoral, uma vez que é apenas uma sucessão de estados inequívocos”.

As questões de 18 a 22 referem-se ao texto 2

Texto 2

Isolamento

Gabriela Borges

Helô D'Angelo é uma das maiores quadrinistas brasileiras da nova geração. Jornalista de formação, ganhou destaque com suas HQs políticas, principalmente durante as eleições de 2018. Atenta aos detalhes e inspirada pelo tédio, ano passado começou um registro sensível sobre a pandemia no Brasil com base no que via, escutava e imaginava sobre seus vizinhos. Daí nasceu *Isolamento*, seu segundo livro, que narra a vida de doze moradores de um predinho, que vivem o que muitos de nós vivemos durante a pandemia: o drama do pai e sua filha, afastados por suas escolhas políticas; o médico que precisa sair para trabalhar; a mulher presa no *home office*; o casal apaixonado; o cachorro que se torna a única companhia da dona.

O mais interessante na narrativa criada pela autora é a estrutura, que une na mesma página a história de todos os apartamentos. É como se estivéssemos observando de longe o que se passa na janela alheia. Quem nunca? Rafael Coutinho, grande quadrinista brasileiro, escreveu o prefácio e reconhece o talento de Helô ao criar um suprapersonagem, o prédio, “que nos faz dançar no *grid* que ela propõe, na unidade de página que agita nossos olhos atrás de detalhes o tempo todo, voltando aos núcleos iniciais, procurando o gato, a mudança do casal, o velho reacionário que foi tomar cerveja escondido com seu comparsa do 4º”. Helô brinca que é uma verdadeira fofoca em quadrinhos. A gente gargalha em algumas páginas e chora de emoção em outras.

Outro ponto importante são as informações extras à história, que contextualizam o que acontecia no Brasil durante a construção do livro. Uma escolha esperta da autora, que torna a obra um registro importante feito durante a própria pandemia por uma jovem artista paulistana, desses que vamos reler com as gerações futuras, para tentar explicar – e até mesmo entender – tudo o que estamos vivendo.

Isolamento foi publicada inicialmente no formato *webcomic*, no perfil no Instagram da autora, para então virar um livro de 208 páginas coloridas, publicado de maneira independente por meio de uma campanha no Catarse. Já experiente em financiamento coletivo, Helô é autora também da *graphic novel Dora e a Gata*, de 2019.

Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/>>. Acesso em: 16 fev. 2024. [Texto adaptado]

18. O texto apresenta propósito, predominantemente,

- A) expositivo.
- B) avaliativo.
- C) descritivo.
- D) informativo.

19. Na escrita do primeiro período do texto, a autora considerou, principalmente, a capacidade de o leitor
- A) recorrer ao conhecimento de mundo.
 - B) resgatar informação implícita pressuposta.
 - C) resgatar informação implícita subentendida.
 - D) recorrer ao sentido conotativo da linguagem.
20. A progressão entre os parágrafos do texto é sinalizada, linguisticamente, por
- A) retomada de informações por meio de substituições lexicais, nos parágrafos 2 e 3, e por repetição no parágrafo 4.
 - B) retomada de informações por meio de substituições lexicais, nos parágrafos 2 e 3, e por conexão no parágrafo 4.
 - C) retomada de informações por meio de substituições pronominais, nos parágrafos 2 e 3, e por substituição lexical no parágrafo 4.
 - D) retomada de informações por meio de substituições pronominais, nos parágrafos 2 e 3, e por conexão parágrafo 4.
21. De acordo com o texto, a escritora Helô D'Angelo destaca-se pela produção de histórias em quadrinhos de teor político. As HQs são caracterizadas como
- A) tipos textuais, valem-se da linguagem verbal e não verbal, compõem-se um número determinado de quadros e inserem-se no gênero dialogal.
 - B) gêneros textuais, valem-se da linguagem verbal e não verbal, compõem-se um número determinado de quadros e inserem-se no tipo descritivo.
 - C) tipos textuais, valem-se da linguagem verbal e não verbal, compõem-se de um número não determinado de quadros e inserem-se no gênero narrativo.
 - D) gêneros textuais, valem-se da linguagem verbal e não verbal, compõem-se de um número não determinado de quadros e inserem-se no tipo narrativo.
22. Considerando-se os aspectos temático, estilístico e composicional, o texto *Isolamento*, de Gabriela Borges, é representativo de um gênero textual com circulação na esfera
- A) ficcional.
 - B) jornalística.
 - C) acadêmica.
 - D) publicitária.
23. Sobre o gênero textual no qual se enquadram os textos 1 e 2, é correto afirmar:
- A) o texto 1 é representativo do gênero artigo informativo, e o texto 2, do gênero resenha acadêmica.
 - B) o texto 1 é representativo do gênero artigo de opinião, e o texto 2, do gênero resenha jornalística.
 - C) o texto 1 é representativo do gênero artigo de opinião, e o texto 2, do gênero resenha acadêmica.
 - D) o texto 1 é representativo do gênero artigo de informativo, e o texto 2, do gênero resenha jornalística.

As questões de 24 a 28 referem-se ao texto 3

Texto 3

Antes do raiar do sol, ainda na penumbra do 7 de fevereiro do ano da graça de 1669, Luiz Delgado deixava o cárcere do Tribunal, no Palácio dos Estaus, perto da praça do Rossio. Saía escoltado, em fila, mãos atadas, pés descalços, na madrugada fria de inverno, na companhia de hereges e devassos, todos penitentes já reconciliados com a Santa Igreja, como ele próprio.

.....
A casa principal em que moravam era térrea, feita de taipa de mão, alva da cal de mariscos, com portais azuis da cor do manto da Virgem. Era toda coberta de telhas. Tal seção anterior dava para a rua dos negócios com uma janela e uma porta de duas folhas de madeira da terra.

Do salão frontal, saía um passadouro que permitia acesso a quatro alcovas: a de Florência era a primeira, seguida por uma que servia de depósito das ferramentas domésticas e por outra, fechada por serradura, na qual se guardavam utensílios e valores do negócio. A última era a de Luiz Delgado. Aos fundos, servia-se a casa de uma cozinha aberta para um pátio coberto de palha, onde, às noites, Ermínia pendurava sua rede.

Na edificação adjacente, um pouco mais larga, cumpria-se o negócio dos tabacos. A fachada era branca da mesma cal, e os portais, azuis do mesmo tom como na casa principal. Separava a loja do domicílio a existência, neste, de câmara larga para a entrada dos carros de bois com o fumo que vinha do Recôncavo e que, depois de melado, se vendia à clientela.

As paredes daquela loja, a exemplo das de quase todas as moradas de taipa na rua dos negócios, acabavam em alpendre coberto de palha da mesma espécie do barracão que se via aos fundos do terreno e no qual habitara Luiz Delgado desde que chegara de Portugal.

Para o lado poente, encontrava-se um pomar, a oficina e a olaria doméstica. Era onde dormiam Silvestre, Cícero e Cosme. No quintal, criavam-se aves e porcos. Tudo isso circundado por muros baixos de pedra assentada.

No limite posterior das tais duas propriedades, ao fundo de tudo o que continham, corria o ribeirão do peixe, que se provava sempre muito útil para as tarefas do asseio do domicílio e do negócio.

O interior da casa principal vinha ornado com um nicho e um oratório de madeira, como era de regra naquela cidade. De mobiliário, havia o que, para uma casa era necessário, sem extravagâncias: três cadeiras de araribá, uma mesa baixa com seu banco, além de um bufete com quatro gavetas competentes.

O chão era de terra batida, e havia sempre um tapete de bananeira trançada, mormente na temporada de chuvas. Cabides de chifres de boi serviam, nas alcovas, para pendurar algo de roupa e, no resto da casa, para enganchar chapéus, arreios e cordas.

[...]

(PORTO, Alexandre Vidal. **Sodomita**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023)

24. O excerto é ilustrativo do uso da variação linguística no plano

- A) diacrônico, em que o narrador, por meio do emprego de palavras/expressões de uso corrente em uma determinada época, convida o leitor a mergulhar na atmosfera temporal dos acontecimentos.
- B) diacrônico, em que o narrador, por meio do emprego de palavras/expressões de uso corrente em uma determinada época, convida o leitor a perceber a atmosfera de pedantismo dominante na escrita literária dessa época.
- C) sincrônico, em que o narrador, por meio do emprego de palavras/expressões de uso corrente em uma determinada época, convida o leitor a mergulhar na atmosfera temporal dos acontecimentos.
- D) sincrônico, em que o narrador, por meio do emprego de palavras/expressões de uso corrente em uma determinada época, convida o leitor a perceber a atmosfera de pedantismo dominante na escrita literária dessa época.

25. Em relação ao tipo textual dominante, é correto afirmar que o excerto é

- A) descritivo, em que a descrição se dá tão somente por propriedades dos objetos descritos, por meio do uso do pretérito perfeito do indicativo.
- B) narrativo, em que a narração se dá pela divisão das partes dos acontecimentos narrados, por meio do uso do pretérito imperfeito do indicativo.
- C) descritivo, em que a descrição se dá por partes e propriedades dos objetos descritos, por meio do uso do pretérito imperfeito do indicativo.
- D) narrativo, em que a narração se dá tão somente pelo detalhamento das partes dos acontecimentos narrados, por meio do uso do pretérito perfeito do indicativo.

26. Considere os trechos:

1 Do salão frontal, saía um passadouro que permitia acesso a quatro alcovas [...]

2 [...] corria o ribeirão do peixe, que se provava sempre muito útil para as tarefas do asseio do domicílio e do negócio.

A ausência da vírgula antes da palavra “que”, no trecho 1, e a presença da vírgula antes da palavra “que”, no trecho 2, ilustram o fato de que

- A) a ausência ou a presença da vírgula antes do “que” é sempre, semanticamente, indiferente.
- B) o uso da vírgula anterior a essa palavra é sempre obrigatório, pois se trata de um pronome relativo
- C) a ausência ou a presença da vírgula antes do “que” relaciona-se com a informação veiculada.
- D) o uso da vírgula anterior a esse vocábulo é sempre facultativo, pois se trata de uma conjunção integrante.

27. Considere o período:

Na edificação adjacente, um pouco mais larga, cumpria-se o negócio dos tabacos. A fachada era branca da mesma cal, e os portais, azuis do mesmo tom como na casa principal.

Sobre as palavras “mesmo” e “mesma”, empregadas nesse período, é correto afirmar:

- A) o uso dessas palavras, para fazer referência a um termo antecedente, é considerado adequado no português padrão escrito.
- B) tanto o uso dessas palavras com função de adjetivo, como ocorre no período, quanto com função de referir-se a um termo antecedente são considerados adequados ao português padrão escrito.
- C) o uso dessas palavras, para fazer referência a um termo antecedente, é considerado inadequado no português padrão escrito.
- D) tanto o uso dessas palavras com função de adjetivo, como ocorre no período, quanto com função de referir-se a um termo antecedente são considerados inadequados ao português padrão escrito.

28. Considere o período:

O chão era de terra batida, e havia sempre um tapete de bananeira trançada, **mormente** na temporada de chuvas.

Nesse período, a palavra “mormente” tem função

- A) adverbial e equivale a “sobretudo”.
- B) adjetiva e equivale a “principalmente”.
- C) pronominal e equivale a “acima de tudo”.
- D) preposicional e equivale a “em primeiro lugar”.

29. Considere o texto a seguir, uma peça publicitária produzida pelo Governo do Distrito Federal e reproduzida nas redes sociais.



Disponível em: < <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia>>. Acesso em: 07 nov. 2023

Seguem dois comentários de internautas sobre o texto:

Comentário 1

[...] usar imagens de árvores queimadas por sobre o cabelo de uma pessoa negra, conforme aparece na publicidade do Governo do Distrito Federal (GDF), mesmo se a intenção era boa, é, no mínimo, uma grave violência institucional. Em primeiro lugar, subliminarmente, a publicidade associa o cabelo de uma pessoa negra à destruição. Em segundo, a propaganda aciona representações negativas criadas desde o contexto da escravidão, quando se vinculou o cabelo crespo ao descontrole, à falta de educação e a atos criminosos. Isso se chama racismo estrutural — quando uma imagem se encontra tão naturalizada que mal se questionam essas que são representações perversas.

Disponível em: <<https://www.instagram.com/liliaschwarz/>>. Acesso em: 07 nov. 2023. [Adaptado]

Comentário 2

Gosto dos seus comentários, mas não concordei com esse. Pra mim, claramente quiseram fazer a associação de que a natureza é uma extensão do ser humano, e que todos somos um só... Que destruir a natureza é como destruir a humanidade. Achei bem exagerada e apelativa a sua posição em relação a essa foto. Nem tudo que os outros fazem é com intenção de ofender alguém... Associar essa imagem a racismo estrutural achei bem exagero. Racismo estrutural existe, sim, e não podemos negar. Mas não concordo que seja o contexto dessa propaganda.

Disponível em: <<https://www.instagram.com/liliaschwarz/>>. Acesso em: 07 nov. 2023. [Adaptado]

Os comentários dos internautas ratificam a concepção de linguagem como

- A) sistema de regras autônomo.
- B) instrumento transmissor de informações.
- C) atividade cognitiva, que se limita à criação e à expressão do pensamento.
- D) atividade sociointerativa situada, relacionada a aspectos históricos e discursivos.

30. Considere o texto a seguir.



Disponível em <<https://cartum.folha.uol.com.br/quadrinhos>>. Acesso em: 27 jan. 2024.

O professor Textolino, na aula de Língua Portuguesa, ao analisar o texto para a turma, limitou-se ao seguinte comentário:

Trata-se do gênero textual tirinha. É muito comum de ser encontrado em jornais e revistas. Nesse exemplo, tem-se a história de um homem que acorda repentinamente e vê sua cama cheia de baratas. Assustado, olha para o lado e vê seu gato a observar tudo com ar de satisfação. Há um propósito de provocar o riso.

Considerando um processo de leitura proficiente de textos, o professor, em seu comentário, deixou de fazer menção a um fator de coerência prioritário para recuperar o propósito comunicativo da tirinha:

- A) a conotação.
- B) a intertextualidade.
- C) as regras do gênero.
- D) as informações implícitas.